



Samora em diálogo com Ngungunhane: a metáfora dessacralizadora da figura do herói em *Ualalapi*

Alberto Mathe

Universidade Pedagógica Sagrada Família / Moçambique

Mestrando / UA

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA HISTÓRICA, REESCRITA DA HISTÓRIA E COMPARAÇÃO.

KEYWORDS: HISTORICAL NARRATIVE, HISTORY REWRITING AND COMPARISON.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre Literatura e História é antiga e sustenta-se na conhecida definição aristotélica que distingue a poesia da história, ressaltando a dimensão filosófica da primeira (pois enuncia verdades gerais), em detrimento da segunda (restrita a relatos de factos particulares). Transcorridos os séculos, a questão permanece irresolvida, ou pelo menos ainda carrega uma boa munição para alimentar os debates académicos. Será em volta desta longa e difícil viagem que iremos tecer a nossa reflexão nas próximas páginas, não procurando aflorar o velho debate sobre as distinções e semelhanças conceptuais em torno de Literatura e História, mas buscando uma prática interpretativa que coloca em diálogo estes dois saberes, pensando-os de modo indissociável.

A riqueza estético-estilística da obra de Khosa legitima a infinidade de interpretações que a ela se prestam. No caso de *Ualalapi*, as fortes marcas da simbologia associadas ao plano figura-

tivo das alegorias tem suscitado bastante interesse e motivado leituras críticas que nem sempre se coadunam com a visão oficial (política e até científica). Esta nossa paixão pela leitura crítica deve-se ao facto de acreditarmos que o espírito crítico deve investigar as diversas possibilidades de interpretação que emanam da obra literária, combinando o conhecimento da obra como fenómeno estético específico ao conhecimento social e histórico que envolve a produção da mesma.

Ao propor para esta reflexão o título "Samora em diálogo com Ngungunhane: a metáfora dessacralizadora da figura do herói em *Ualalapi*", estamos cientes da sua actualidade, especialmente num ano em que se celebra saudosamente o primeiro presidente de Moçambique independente. Mas este não seria o único aspecto a motivar a escolha deste tema.

Em *Ualalapi*, obra de estreia do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, apresenta-se uma sucessão de tramas em que as acções e comportamentos repreensíveis das personagens são responsáveis pela deterioração da sua condição humana e desgraças daí resultantes. Transpondo as desgraças e os castigos para um plano real, pode-se questionar um conjunto de valores sociais, culturais e até históricos da sociedade moçambicana.

Outrossim, tornou-se lugar-comum ouvir discursos samorianos saudosistas, sendo que poucos críticos (moçambicanos) se prestam a uma análise isenta de paixões sobre factos históricos. No contexto literário, o mesmo acontece. Poucos são os escritores que ousaram desafiar o sistema e se alguns o fizeram, foram marginalizados. Quanto à crítica literária, pouco se diz sobre obras deste género, que não medem palavras em discutir a história, emprestando-lhe um cunho ficcional, embora eivado de verosimilhança. A obra de Khosa não escapou a esta evitação da crítica literária, evitando-se qualquer pronunciamento sobre os aspectos histórico-políticos aí convocados. Assim sendo, o conflito que se verifica entre a diegese e a versão oficial e politicamente correcta da história é que suscitou-nos maior interesse numa altura em que se celebra um símbolo que reúne tantos consensos quantos desacordos a seu respeito.

Assim, de uma forma geral, pretende-se estabelecer uma relação dialógica entre as figuras e factos históricos de *Ualalapi* disfarçados em metáforas e metonímias de um universo ficcional que questiona e debate a verdade histórica. Uma leitura dialógica entre duas grandes personagens, implícita ou explicitamente presentes na obra, poderá contribuir para compreender e discutir a iconização de Samora Machel, uma vez que a actividade literária, particularmente a escrita de Khosa, permite a reescrita da história, num diálogo permanente entre passado, presente e futuro.

Finalmente, pretendemos com este artigo reflectir sobre uma temática antiga na teoria da literatura – a problemática do herói. Deste modo, ao convocar os factos históricos subjacentes na obra *Ualalapi*, através de uma análise comparada, esperamos problematizar o conceito de herói quer numa visão meramente literária, quer na visão sócio-histórica.

O PAPEL DA CRÍTICA LITERÁRIA

A problemática da crítica literária assenta na dualidade subjectividade/objectividade. A este respeito, Compagnon (1999) refere que nos finais do século XIX vigoravam, por um lado, o *impressionismo*, representado por Anatole France, que seguia uma tradição humanista que, atentando para os sentimentos acerca do texto, falava das experiências pessoais e das reacções de si mesmo como leitor em relação ao texto comentado (crítica subjectivista); por outro, a crítica positivista representada por Brunetière, uma crítica com método de leitura, pretensamente culta, defendendo o distanciamento e objectividade do crítico.

É em relação ao impressionismo na sua forma absoluta que se insurge Reis (1981: 21), advogando que este ensina mais sobre aquele que critica do que sobre o objecto da crítica, havendo, no entanto, uma necessidade de moderar as leituras subjectivas. Assim, a crítica assume um papel fundamental no processo literário, tal como realça Reis, ao afirmar que o seu papel é de “descortinar sentidos ocultos pela rede de relações textuais que uma obra literária concretiza” (ibid.: 26), para além de servir como intermediário activo entre o objecto estético alvo da crítica e os destinatários do discurso crítico. Relativamente a uma reflexão como a que nos propomos fazer, é mais relevante descortinar as associações simbólicas inscritas no discurso diegético que possibilitam uma releitura da história.

A REESCRITA DA HISTÓRIA

Hamilton (1999:18) afirma que “re-escrever e re-mitificar o passado é, de certo modo, uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África”. Além do mais, a re-mitificação é uma componente do neotradicionalismo que caracteriza aspectos importantes da condição pós-colonial e pode manifestar-se através da metáfora e da ironia. No contexto das literaturas africanas de expressão portuguesa podemos citar duas obras importantes que beiram a sátira social e política. A primeira é do angolano Manuel Rui, com o título *Quem Me Dera Ser Onda* (1982). Trata-se de uma novela cómico-satírica que parodia certas instituições e práticas burocráticas da sociedade socialista em vias de se estabelecer nos bairros de Luanda. A segunda obra intitula-se *Confissão Tropical* (1995), de Sousa Jamba. O romance, inserido na estética do absurdo, inventa um país fictício, “Henrique”, algures em São Tomé, narrando a história de um cidadão “sócio-pático” que comete toda a ordem de crimes para granjear as simpatias do regime ditatorial de “Henrique”.

Nestas duas obras insere-se o carácter alegórico, mítico e escatológico que queremos analisar em *Ualalapi*, numa perspectiva de regeneração narrativa que visa a resistência às

imposições colonialistas de toda a ordem, mas também degenerativa ao criticar os absurdos e excessos que caracterizaram o período da Revolução.

A partir do século XIX, o destino individual de personagens fictícias e o processo histórico fundem-se num único e novo género, buscando resgatar um heróico passado nacional. A referência clássica imediata é o romancista escocês Sir Walter Scott, assim como o estudo de Lukács intitulado *O romance histórico*, da década de 1930. No século XX, este género conheceu algumas mutações e Alejo Carpentier e José Saramago são as suas referências quase obrigatórias. E, em Moçambique, a reescrita da história deve tributo a Ungulani ba ka Khosa com a obra *Ualalapi*.

Recuperando a biografia de Walter Scott pode-se perceber a génese do romance histórico e equipará-la ao nosso caso de estudo. Como destaca a estudiosa Teixeira Vasconcelos (2008: 18)¹, Scott havia vivenciado de perto a atmosfera intelectual da cidade de Edimburgo finissecular, onde vigorava o pensamento de filósofos da história como David Hume, Adam Ferguson e William Robertson, com o qual o romancista teve contacto e que moldou a sua atitude. Ademais, como estudante de direito e membro da Speculative Society, Scott teve a oportunidade de participar do debate corrente à época e isso franqueou-lhe o acesso a uma perspectiva que se traduzia em “profundo senso da natureza essencialmente social da história, [em] determinismo sofisticado, [em] consciência aguda dos efeitos do ambiente histórico sobre o comportamento”.

No caso moçambicano, Ungulani Ba Ka Khosa, pseudónimo de Francisco Esaú Cossa, foi privilegiado, primeiro pela formação que teve, pois em 1980 ingressou no curso de História e Geografia na Universidade Eduardo Mondlane, tendo concluído apenas o bacharelato. Esta formação permitiu que ele entrasse em contacto com as investigações históricas que alicerçam a sua obra, gozando do privilégio de investigação e contacto com historiadores e documentos primaciais para uma reescrita da história. Ademais, a sua actividade intelectual, de professor de nível secundário em Niassa, co-fundador da revista literária *Charrua* e autor de argumentos cinematográficos, criou bases para o surgimento de uma escrita irreverente que, como diria o poeta José Craveirinha, “foi se timbilando para os estudiosos” – críticos literários ou historiadores.

¹ Fez um estudo comparado sobre o romance histórico em Walter Scott e José de Alencar, publicado na revista *Terceira Margem*.

SUGESTÕES DE LEITURA COMPARADA: NGUNGUNHANE E SAMORA, UM DIÁLOGO INEVITÁVEL EM *UALALAPI*

DA ASCENSÃO AO PODER E TIPO DE GOVERNAÇÃO

No romance *Ualalapi*, quis Ungulani desenterrar o obituário de um mito da nossa história – o lendário imperador Ngungunhane. O livro inicia com uma nota do escritor que pode ser esclarecedora da visão que o mesmo pretende nos transmitir desta figura mítica:

É verdade irrefutável que Ngungunhane foi imperador das terras de Gaza na fase última do império. É também verdade que um dos prazeres que cultivou em vida foi a incerteza dos limites reais das terras do seu mando. O que se duvida é o facto de Ngungunhane, um dias antes da morte, ter chegado à triste conclusão de que as línguas do seu império não criaram, ao longo da existência do império, a palavra imperador. Há quem diga que esta lacuna foi fatal para a sua vida, debilitada pelos longos anos e exílio. Saltará à vista do leitor, ao longo da(s) estória(s), a utilização propositada e anárquica das palavras imperador, rei e hosi — nomeação em língua tsonga de rei. (Khosa, 1987: 9)

A antipatia que se irá desenvolver com esta figura é secundada por citações de Ayres d'Ornelas e do Dr. Liengme, para quem Ngungunhane

Era um ébrio inveterado. Após qualquer das numerosas orgias a que se entregava era medonho de ver com os seus olhos vermelhos, a face tumefacta, a expressão bestial, que se tornava diabólica, horrenda, quando, nesses momentos se encolerizava... (ibid.:13)

Se, por um lado, podemos evidenciar a antipatia pelo imperador, por outro, a descrição da forma como este ascendeu ao poder e como governou os seus súbditos testemunha a sua desmistificação. Por exemplo, ao preparar o conluio que o levaria ao trono, matando o seu irmão Mafemane – legítimo herdeiro do trono, Ngungunhane descreve o seu perfil com um discurso aterrorizador e retumbante:

O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até a minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanharam-me, guiando as minhas acções lúcidas e precisas. [...] Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão. Não vou partilhar o poder. [...] E serei temido por todos, porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane, tal como essas profundas furnas onde lançamos os condenados à morte! O medo e o terror ao meu império correrão séculos e ouvir-se-ão em terras por vocês nunca sonhadas! (ibid.: 28-29)

Para além do plano magistral de mandar assassinar o seu irmão, o que aconteceu com sucesso, Ngungunhane foi temido pelo seu povo, começando pelos seus guerreiros e serviçais. Aliás, prova disso é o julgamento de Mputa, acusado injustamente de ter cobiçado a Inkonsikazi do Rei e ter proferido palavras injuriosas contra ela. A intempérie instala-se quando o *mondzo* prova a inocência de Mputa e, para lograr os seus intentos, contra a expectativa dos presentes, este acusa-o de feiticeiro e manda executá-lo para que todos os súbditos aprendam a temer o rei.

É este Ngungunhane que é retratado ao longo do livro. Curiosamente, no período pós-independência, a visão oficial apresentou-o como herói da luta de resistência contra a dominação colonial. Mas um anti-herói é o que se apresenta em *Ualalapi*. Ora vejamos:

A ascensão do rei dá-se pela morte do herdeiro legítimo do trono, numa trama maquinada por este. Esta transgressão das leis ngunis irá justificar a queda do seu império, uma espécie de punição ancestral. Aqui insere-se a dimensão escatológica² da escrita de Ungulani, que vai apresentando o destino de um rei acabado e de um império falhado, a partir das sistemáticas violações das leis dos antepassados, impondo-se acima de todos e de tudo. Numa leitura dialógica com a história recente, através de uma metáfora dessacralizadora, a ascensão de Ngungunhane ao poder é também uma alusão simbólica à subida de Samora Machel ao cargo de direcção máxima da FRELIMO durante a luta de libertação nacional, sustentando a tese do “golpe de estado tribal pró-sulista” (Ngoenha, 2009:14). O facto de ter havido algumas divergências no seio da FRELIMO, antes e após a morte de Eduardo Mondlane, sobre o mecanismo de condução da guerra e a não ascensão de Urias Simango, na qualidade de vice-presidente do movimento, provocou uma inquietação em algumas esferas de opinião. A eliminação física de figuras proeminentes na direcção da FRELIMO, começando pelo primeiro presidente do movimento, o seu vice-presidente e outros considerados reaccionários, iria traçar o destino do movimento e do seu líder, permitindo uma leitura escatológica desses eventos históricos.

Um outro caso de violação das leis ancestrais ocorre no episódio sobre Damboia, irmã mais nova de Ngungunhane, que fica menstruada por três meses sem parar. A atenção que o rei lhe dedica revela o seu carácter, pois como ele dizia “enquanto eu estiver vivo as assembleias podem faltar, eu represento a todos, homens, mulheres, velhos e crianças deste império sem fim” (Khosa, 1987: 56) a ponto de adiar a realização do *nkuaia* (ritual

² Noa (1998: 13) aponta para um sentido de escatologia como “discurso da irreversibilidade do destino e do esvaimento da própria existência, individual e colectiva”. Neste sentido, podemos falar de uma mitologia escatológica que impõe a transformação do círculo existencial, dessacralizando-o.

ancestral e sagrado, de carácter anual, visando a revitalização do império). O desrespeito pela tradição vai desencadear uma série de desastres e consequente destruição do império. Este detalhe da forma como Ngungunhane tratava os assuntos do império, nos lembra o rumo que a FRELIMO, na direcção de Samora Machel, assumiu no pós-independência. O autoritarismo assumido por Samora na tomada de algumas decisões, associado à centralização do poder nas mãos do presidente, tornou-o mais próximo da figura que Ungulani descreve em *Ualalapi*.

Ngungunhane era nguni, um invasor que, tal como os colonos, dominou as vastas terras do Sul de Moçambique, implantando terror através de mortes de crianças, mulheres e velhos, e tornando vassalos os seus súbditos. A este respeito, nada justificava as mortes, a não ser o desejo egoísta; basta lembrarmos a morte de Mputa ou ainda o assassinato dos machopes aquando da doença de Damboia:

E para que os machope não se riam da nossa dor, tu, Maguiguana, vai por essas terras espalhar a morte e a dor. Eu quero que todos, mas todos, se compadeçam com a dor que nos atacou. Ide, guerreiros, que o império vos salvaguarda, agora e depois da morte. (ibid.: 56-57)

Comentando sobre o carácter de Ngungunhane, Oester (2005) sublinha que ao reinterpretar a figura do imperador, *Ualalapi* dá-nos uma visão de Ngungunhane diferente da veiculada pelos órgãos oficiais, concebendo-o como um tirano, déspota, e hostil a alguns povos africanos. Deste modo, podemos recuperar a velha questão da Teoria da Literatura sobre a problemática do herói e discuti-la numa perspectiva comparada. Por um lado, temos um estrangeiro, tal como o foram os colonos, pois Ngungunhane era Nguni, filho de Muzila, rei de Gaza, um invasor que dominou os povos locais semeando morte e terror. Vejamos como ele considerava os povos locais aquando do cerco à fortificação de Chirrimbe, onde o rei chope Binguane e seu filho Xipenanyane encontravam-se sitiados:

A nossa paciência tem limites, guerreiros. Hoje é o último dia que damos a Binguane para se entregar. Amanhã, caso não se entregue com os seus homens, passaremos sobre os cadáveres desses animais e convidaremos o nosso rei, esse imortal herói nguni, para que contemple a planície pejada de cadáveres que servirão de repasto às aves por séculos sem conta. (ibid.: 77-78)

Como se pode ver, as tropas de Ngungunhane não toleravam qualquer rebeldia ou reino vizinho aparentemente livre, como o reino de Binguane. Os rebeldes eram tratados como animais, tal como os colonos fizeram com os negros. Ora, nesta perspectiva de reescrita da história, o texto de Ba Ka Khosa vai desempenhando a função dessacralizadora da

literatura que busca mitos e lendas criadas pela história para discuti-los e, acima de tudo, mostrar as suas fragilidades. Este diálogo do texto literário com a história não se esgota apenas pela presença de figuras como Muzila, Ngungunhane, Manua, Maguiguane, entre outros, mas ganha mais consistência e originalidade ao convidar outros elementos da história de uma forma irônica, sofisticadamente construída pela metáfora e pelas alegorias.

Esta análise dialógica fundamenta-se em Compagnon (1999), quando apresenta a hipótese central da história literária, segundo a qual “o escritor e a sua obra devem ser compreendidos em sua situação histórica” e “a compreensão de um texto pressupõe o conhecimento da sua época”. Retomando *Ualalapi*, o primeiro texto desta obra data de 1982, período em que a literatura cantava de forma retumbante a revolução. Mas também foi neste período de crise da literatura moçambicana que apareceram algumas manifestações literárias que marcariam uma reviravolta. Dentro deste contexto politicamente conturbado, se inserem as indagações que aproximam Samora de Ngungunhane, tal como lembra Ngoenha (2009: 39) no seu diálogo reflexivo com Samora:

Ele tomava-se por rei, pelo novo Ngungunhana! De quem são as efígies das moedas, os nomes das ruas, os heróis dos livros de história, a personagem das canções revolucionárias...

A figura de Samora, ao longo da Revolução, foi se aproximando de Ngungunhane pelo autoritarismo, intolerância para conviver com a diferença, eliminando os opositores políticos do sistema, banindo as confissões religiosas, oficializando os julgamentos públicos e fuzilamentos que implantaram o medo e a veneração da figura do Presidente. Tal como o autor textual de *Ualalapi* manifesta uma apatia em relação ao imperador Ngungunhane, o autor empírico, Ba Ka Khosa, numa entrevista concedida a Nelson Saúte, afirmou:

Samora Machel um nome de que, sinceramente, nunca gostei. Nunca gostei porque, a primeira vez que eu o vi e ouvi, tive medo. Estava em Quelimane na altura, notei que era um indivíduo com todas as características para ser um ditador. Se, naquele momento, ele me apontasse com dedo e dissesse: “Matem aquele fulano”, eu poderia ser um cadáver. (Saúte, 1998: 321)

Este testemunho já revela a visão que o autor de *Ualalapi* tinha do primeiro presidente de Moçambique, e o seu livro revela-se como uma crítica a Samora e ao regime a que presidiu, pois o modelo ditatorial recordava o estilo do último imperador de Gaza. Ao tentar reescrever a história, Ungulani enfrentou muita crítica do regime, o que contribuiu para a publicação tardia da obra. Ademais, numa entrevista concedida ao escriba desta reflexão, confessou que sentiu um alívio quando viu pela janela da sua casa o cortejo fúnebre do

presidente Samora Machel, numa altura em que terminara de escrever “O último discurso de Ngungunhane”. Este discurso apocalíptico pode ler-se de forma dialógica, pois pela sua veemência recorda-nos os discursos retóricos de Samora Machel. Não só por esse facto, mas também pelo seu carácter visionário, pois Samora proferiu um discurso similar um pouco antes da sua morte, dirigindo-se a Jacinto Veloso: “Se eu morrer, o que vai ser de vocês? Acho que vão todos matar-se uns aos outros!” (Veloso, 2007: 208). Este discurso tem muito a ver com as apocalípticas máximas de Ngungunhane quando vaticinava maus augúrios aos seus ex-súbditos que se alegravam pela sua prisão e troçavam dele. No verdadeiro momento de agonia, traçou um futuro sombrio para a gente desta terra: dificuldades de afirmação política, alienação cultural, problemas sociais decorrentes da miscigenação, exploração económica.

SAMORA E NGUNGUNHANE, DOIS HERÓIS MOÇAMBICANOS?

Para finalizar este debate, colocamos a questão acima, não para lhe darmos uma resposta cabal, mas sim, para participar de um debate necessário em volta da nossa história, especialmente a convocada pela nova literatura moçambicana produzida no pós-independência. Ao abordar as novas tendências de escrita literária em Moçambique, Hamilton (1998) postula que, através de novos discursos literários, o desmantelamento das estruturas e instituições herdadas do colonialismo é também uma maneira estético-ideológica de questionar, se não contestar, os regimes instalados depois da independência política. Como tentámos evidenciar neste estudo, *Ualalapi* de Ungulani Ba Ka Khosa retrata o despotismo dos dirigentes, discutindo em aberto o sistema de governação do momento, chegando a “comparar” metaforicamente o Presidente Samora com o tirano imperador Ngungunhane. Apegando-nos à problematização da figura do herói mítico Ngungunhane, achamos chegada a altura de reflectirmos, sem paixões, sobre o ideário dos nossos heróis. Se, por um lado, temos um invasor nguni, ditador e déspota, que é considerado herói por ter resistido à ocupação militar portuguesa, por outro, temos leituras conjecturais que consideram Samora Machel como:

responsável pela violência que se instaurou no interior da FRELIMO durante a luta armada e os mortos e assassínios que daí advieram, [há] quem o considere um demagogo, o responsável pela fricção que se estabeleceu com as populações da Beira, com as confissões religiosas; quem o considere um ditador, com um método de governo autoritário e mesmo arbitrário. (Ngoenha, 2009: 14)

Quanto a quem é o herói ou deve ser considerado herói, não se trata apenas de fazer o julgamento de duas figuras históricas, mas sim de discutir toda a problemática relacionada com os critérios para a determinação de heróis histórico-políticos, culturais, desportivos e em outras áreas. Deste modo, a literatura vai se socorrendo da História, não para se tornar um simples documento histórico, mas para discutir valores e factos históricos que povoam o nosso imaginário e, através da dessacralização, chamar a atenção para as acções presentes, de modo a tirar lições dos erros passados. Mais do que determinar os heróis da História, a literatura vai mostrando as diversas facetas possíveis sobre o carácter desses heróis.

BIBLIOGRAFIA

- BA KA KHOSA, Ungulani (1987). *Ualalapi*. 3ª ed. Maputo: Imprensa Universitária.
- CARVALHAL, Tânia Franco (1998). *Literatura Comparada*. 3ª ed. (revista e ampliada). São Paulo: Editora Ática.
- COMPAGNON, Antoine (1999). *O Demónio da Teoria: Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- NGOENHA, Severino (2009). *Machel: ícone da 1ª República?* Maputo: Ndjira.
- NOA, Francisco (1998). *A Escrita Infinita*. Maputo: Livraria Universitária, UEM.
- OESTER, Christoph (2005). *Figuras do Outro: identidades pós-coloniais no romance moçambicano contemporâneo*. Tese de Doutoramento. Universiteit Utrecht.
- SAÚTE, Nelson (1998). *Os Habitantes da Memória: Entrevistas com escritores moçambicanos*. Praia – Mindelo: Centro Cultural Português.
- TEIXEIRA VASCONCELOS, Sandra Guardini (2008). “Figurações do passado: o romance histórico em Walter Scott e José de Alencar”. *Revista Terceira Margem* 18, 15-37.
- VELOSO, Jacinto (2007). *Memórias em Voo Razante*. Maputo: JVCI, Lda.

RESUMO

Este artigo tem como objectivo reflectir sobre a problemática da concepção do herói a partir de uma análise comparada entre duas figuras históricas presentes de forma implícita e alegórica em *Ualalapi* – Ngungunhane e Samora Machel.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on the problems of designing the hero from a comparative analysis between two historical figures who were implicitly and allegorically present in *Ualalapi* – Ngungunhane and Samora Machel.